



SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E A NOVA MORFOLOGIA DO CURSO DO RIO MADEIRA – RO APÓS IMPLANTAÇÃO DA UHE SANTO ANTONIO

Laura Nisinga Cabral¹, Eliomar Pereira da Silva Filho²

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Laboratório de Pedologia – Universidade Federal de Rondônia.

²Prof. Associado do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Laboratório de Pedologia – Universidade Federal de Rondônia

A bacia do Rio Madeira cobre uma superfície de $1,369 \times 10^6$ km², correspondendo a 23% da Bacia Amazônica, sendo o afluente do rio Amazonas que contribui com a maior carga sedimentar. Nascido nos Andes, com o Rio Beni como maior tributário, torna-se um rio meandrítico ao encontrar com o Rio Abunã, posteriormente formando o trecho encachoeirado condicionado seu fluxo aos falhamentos ali existentes. Nestes trechos de falhamentos estruturais com direção NE – SW, e com exposição das rochas por vezes formando níveis de base local, a navegação do rio é impedida em vários pontos. A presença humana data desde o início do Holoceno Médio até os dias de hoje nestas áreas, deu-se possivelmente devido a sua boa localização estratégica e aos recursos abundantes. Durante a execução das obras de construção da Usina Hidrelétrica de Santo Antônio os sítios arqueológicos diretamente impactados pela obra de engenharia foram resgatados. Após o estabelecimento do lago da Usina, o Rio Madeira obteve uma nova formatação de curso, devido a topografia da área, expandindo e preenchendo espaços que não ocupava até então. Com o intuito de analisar espacialmente a atual localização dos sítios arqueológicos que foram impactados pela área do lago e pela construção da Usina, utilizamos imagens de satélite e plotamos os sítios conforme as coordenadas documentadas nos respectivos relatórios de resgate. Com isso pretendemos fazer analogias entre a cota “normal”, a cota atual (formação do lago) e a cota da cheia “histórica” de 2014, com as ocupações humanas que ocorreram entre a cachoeira de Santo Antônio e a Cachoeira de Teotônio no curso de 7.000 anos. Muitos dos sítios arqueológicos presentes nesta área possuem datação, que auxiliam a montar uma sequência cronológica de ocupação. Comparando assim as posições, cotas e temporalidade através de mapas esquemáticos, com a finalidade de acompanhar a visualização da dinâmica entre as alterações ambientais e as comunidades pretéritas.

Palavras-chave: Geoarqueologia, Mapa, Cronologia.

Agradecimentos: Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade federal de Rondônia, ao Laboratório de Pedologia e à Scientia Consultoria Científica, pelo apoio dado às pesquisas.